

Echos de Guimarães

Director, João Rocha dos Santos
 Editor e administrador, Thomaz Rocha dos Santos
 Redacção e administração,
 38, Praça D. Afonso Henriques, 39 (Toural)

SEMANARIO MONARCHEICO

Propriedade da Empresa
 DOS
 Echos de Guimarães

Officinas de composição e impressão
 Typographia Minerva Vimaranesense
 68, Rua de Payo Galvão, 72
 GUIMARÃES

O ABSOLUTISMO

Nunca as liberdades publicas em Portugal estiveram tão reduzidas como agora. Estamos peor do que sob uma dictadura. Tudo depende do arbitrio do governo. Domina em Portugal a autocracia bernardinica, mais oppressiva e mais revoltante que a tsareana.

Estamos a soffrer o maior dos disparates, a mais estúpida das contradicções, a mais irracional das incongruencias.

A gente que por malas artes se apoderou da direcção dos negocios publicos, prometêu-nos um governo democratico, o que seria um grande bem para todos; e agora, por uma renegação iscarriótica, colloca-se no polo opposto e dá-nos um governo autocratico, o que representa um retrocesso d'alguns seculos. Trovejou raios e coriscos contra dictaduras, contra despotismos, contra tyrannias; e agora sae-nos mais tyrannica, mais despotica, mais dictatorial do que todos os governos dos tempos *ominosos*; e comtudo não cessa de afirmar alto e de bom som, que nunca houve em nossa terra mais largas e mais seguras liberdades.

Isto é o sarcasmo pungente, irritante, escandente, por cima d'uma injuria brutal, selvatica, martyrizante.

O snr. Bernardino não tem outra lei senão o seu arbitrio, nem outra impulsividade senão o seu odio aos que appellida de reaccionarios; e no entanto ostenta-se com aquella cara que Deus lhe deu, como o representante d'um governo democratico e liberal. A sua palavra andou sempre em briga com as suas obras; sendo por sua origem destinada a revelar os pensamentos, o interior da alma, no snr. Bernardino o seu destino é encobrir, disfarçar e illudir.

O chefe do governo é um mascarado que pretende illudir aquelles com quem falla, dirigindo-lhes palavras amaveis e fazendo-lhes tagatés acariciadores; e, ao des-

pedir-se, lhes faz gestos impudentes ou lhes esguicha uma bisnaga mal cheirosa. Que ridiculo, repugnante e deshonroso não tem sido o papel representado por esse desastrado e mal nascido politico!

Mas, como ia dizendo, estamos peor que sob uma dictadura. E' facil de ver.

Numa dictadura o governo é obrigado a cingir-se á lei e todas as leis ficam em vigor enquanto elle as não modificar por algum decreto que será justificado por um relatório e assignado por todo o ministerio ou por alguns ministros. Esse decreto fica fazendo parte da legislação, será estudado, discutido e apreciado pelos tribunaes e pelo parlamento. Não é uma obra que se faça de leve.

Os nomes de todo o ministerio ou d'alguns ministros ficam-lhe perpetuamente ligados. Tanto pode ser um titulo de gloria, como um motivo de ignominia.

Pois agora o snr. Bernardino está livre de todos esses embaraços. Faz o que quer sem a menor responsabilidade juridica. Por uma simples ordem ministerial, que não é força ser escripta, revoga, altera, modifica o que muito bem lhe parece.

Sob o especioso protesto de manter a ordem publica e defender a honra da nação, tudo lhe é permittido pelas autorizações illimitadas do congresso.

Mas dirá alguém: «elle é obrigado a dar contas ao parlamento do modo como usou d'essas autorizações».

A justificação é facil. As medidas que toma são filhas da occasião, limitadas a um ou outro caso, transitorias, executadas pelas autoridades administrativas. Se d'ellas pedirem contas ao governo, elle dirá que naquelle momento entendeu necessario proceder, como procedeu, para manter a ordem; desculpar-se-ha com as autoridades subalter-

RAIOS X



OS «NOIVOS» DE 3 DO CORRENTE

Foi ha cincoenta annos.

A porta da igreja da Misericordia dava passagem a um casal de noivos que ia receber do bondoso ministro do Evangelho a benção do Ceu que devia santificar um amor puro nascido nos seus corações juvenis, e fundir as suas almas em uma só para a vida do futuro.

Não os conhecemos. Nesse tempo ainda estavamos em França, d'onde só viemos na lendaria *condeça* 15 annos depois.

Devia ser lindo esse casal de noivos porque ainda hoje é lindo tambem.

Elle era o Zé Pedro, o popularissimo Zé Pedro, que tendo dado ao trabalho todo o seu valor e actividade, conquistou um logar de honra no brazão dos artistas vimaranesenses.

Ainda ha dias lemos, por acaso, em um numero do «Enthusiasta», jornal que aqui se publicou ha muitos annos, palavras elogiosas referentes ao Zé Pedro.

Ella, naquelle tempo devia ser a meiga Thereza, porque ainda hoje é a bondosa Thereza que en-

che com a sua grata personalidade toda a vivenda de S. Francisco.

Foi ha cincoenta annos que elles casaram e se não tiveram muitos meninos, tiveram alguns que Deus chamou a si—e um d'elles, o Manoel, que funda magua deixou aos seus, que enorme ferida ainda não cicatrizada!—e dois que ainda vivem, que são o enlevo de seus paes onde se encarna a quint'essencia do amor filial.

No dia 3 do corrente prepararam-lhes seus filhos uma alegre surpresa, festejando-lhes em familia as suas bodas d'ouro de casados, o cinquentenario do seu noivado.

Foi uma bella festa que revestiu toda a imponencia pela demonstração de carinho e de amor que tão dignos filhos prestaram a seus paes.

E' caso para, paraphraseando Camões, dizer:

Ditosos paes que taes filhos tiveram.

Estavam magnificos o Zé Pedro e a Thereza. Pareciam outra vez noivos.

A elle faltava-lhe, é certo, o

brilho e o calor da mocidade, mas ornavam-lhe a cabeça e a fronte a barba e os cabellos embranquecidos durante uma vida cheia de labor honrado, sustentada com o brio proprio dos grandes caracteres.

A ella nada lhe faltava. A formosura moça dos seus dezoito annos estava muito bem substituida pelo seu semblante meigo e atrahente, onde só se encontram sorrisos e palavras de conforto. Os seus cabellos brancos faziam-nos persuadir de que ella jámais arredou de si o diadema de flores de laranjeira do seu noivado.

Noivos outra vez!
 E com que suprema consolação!

Associando-nos de alma e coração ao jubilo de todos os que assistiram a tão tocante consagração familiar, d'aqui enviamos os nossos parabens aos bondosos velhos pelo seu segundo noivado e aos seus filhos, Rev. Padre Gaspar Roriz e D. Maria da Oliveira Roriz pelo grande exemplo de amor filial que pateñtaram.

Alipio Rosado.

nas, allegando que excederam as ordens que lhes foram mandadas. Louvar-se-ha, dizendo que, se os deputados e senadores conhecessem bem as circunstancias em que houve de proceder, não o censurariam, antes reconheceriam a sua dedicação ás instituições e o seu zelo na defeza da ordem.

E como as injustiças, violencias e perseguições recaem principalmente sobre os monarchicos, o governo terá no dia das contas no parlamento uma indulgencia plenaria. Mas já assim lhe não sucederia, se, em lugar de ser absoluto, estivesse simplesmente em dictadura. Então os decretos, como de effeito continuo,

seriam apreciados e discutidos com mais cuidado; e o governo não poderia recorrer a disfarces nem a truques, porque ali estava a letra dos decretos como uma testemunha insubornavel a dizer o que elle fez.

P. A.

FAMILIA REAL

Como o nosso modesto semanario se não publicou no ultimo domingo, registamos hoje com todo o jubilo a passagem do primeiro anniversario do casamento de Sua Magestade El-Rei o Senhor Dom Manoel com a formosissima Princeza alemã e hoje nobillissima Rainha Senhora Dona Augusta Victoria.

Os «Echos de Guima-

rães», ao noticiar a os seus presados leitores o anniversario do casamento regio, presta sincera e respeitosa vassalagem a Suas Magestades, a quem deseja as maiores prosperidades e por quem faz votos para que breve, para felicidade do Povo, sejam de novo reconduzidos ao throno.

O nosso brilhante collega da capital «A Restauração», da intemorata e intelligente direcção do valoroso jornalista monarchico snr. Homem Christo, Filho, dedicou a Suas Magestades o seu numero de 4 de setembro, publicando diversos artigos referentes a tão faustosa data e os retratos dos Augustos Conjuges.

A F R I O

O Tesouro da Collegiada

Respondendo... não respondendo

Habitualmente não lemos a «Alvorada» mas quando nella apparece qualquer coisa que nos diga respeito, apparece tambem um nosso amigo que chama a nossa attenção para o assumpto.

D'esta vez trouxeram-nos a noticia de um repto inserto em um dos ultimos numeros do citado jornal, em que se pretende que tragamos para estas columnas o resultado das nossas averiguações sobre os boatos e sobre as nossas impressões acerca do thesouro da Collegiada—para (parece-nos que é esta a conclusão da folha) que não perigue a reputação e o caracter da comissão concelhia dos bens da Egreja.

Ora tal repto para nós é o mesmo que uma imperiosa ordem de silencio, e isto por duas razões:

1.ª—porque não reconhecemos a «Alvorada» autoridade para nos reptar, por que sendo um jornal sem sombra de caracter e sem o menor vislumbre de dignidade, não se pode armar em *juiza* quando é muito simplesmente *ré*, e *ré* de lesa-educação e de lesa probidade.

2.ª—porque a «Alvorada» só nos podia reptar em nome da comissão concelhia, e essa comissão perdeu todo o valor que podia apresentar e todo o prestigio de que podia jactar-se desde que pela bocca do seu presidente, e sem o menor protesto de ninguem, amecçou de correr á vergastada—as caras estanhadas que *ousassem* de frontar-se-lhe.

Por estas duas razões tal repto tem de ser levado em conta de creancice, para lhe não darmos outra classificação mais dura, e a elle não podemos corresponder, antes nos vemos obrigados a guardar o maior silencio, porque o contrario seria ligarmos uma desmedida importancia a uma coisa que não tem nenhuma.

E afinal, que promettemos nós? As nossas impressões acerca de uma relação dos objectos do thesouro da Collegiada e outra que existe em nosso poder?

Podíamos, com effeito, e desde já, dizer alguma coisa sobre o assumpto, mas isso redundaria em prejuizo da nossa dignidade e portanto preferimos conservar-nos em silencio, uma vez que nos achamos ameaçados com a chibata presidencial.

No meio d'esta contenda, no que mais se tem fallado é na arte—com A grande.

Effectivamente parece que a Arte, a tal arte com A grande, anda mettendo o seu bedelho nisto.

Até certo ponto não o acreditavamos, porque conhecendo pessoalmente a Arte, habituamos-nos a crear por ella uma profunda veneração a ponto de não consentirmos a menor discussão sobre a sua pessoa que julgavamos mais artista que vaidosa e com mais pundonor do que orgulho.

Hoje, a respeito das nossas concepções e dos nossos respeitos d'outr'ora, somos forçados a confessar que a arte a que nos prendiam laços de admiração e de respeito, não passa de uma arte de estatura elevada com um chapéu de enormes abas.

E' uma arte que se extinguiu para a arte da boa convivencia, mas que vive para a arte das conveniencias conventiculares, uma arte banal e por vezes ridicula á força de tanto reclamo com A grande.

O que resta da arte de outros tempos, dos bellos tempos em que impunha respeito e consideração, é somente o A grande e o chapéu de enormes abas.

O resto evaporou-se devido a corrupção produzida pelos gazes da politica que nella se desenvolveram!

**

Depois, a comissão concelhia não pode invocar materia de dignidade, visto que a desprezou quando recusou á Irmandade de Nossa Senhora da Oliveira as joias da imagem veneranda da Padroeira de Guimarães para servirem na occasião da sua festa.

Nesse gesto de tristissima memoria não teve a comissão respeito algum pelos sentimentos puramente religiosos dos habitantes d'esta cidade, nem pela tradição ao menos, antes lhes lançou um insulto que jámais se apagará.

E nós, que orgulhosamente representamos em publico a opinião d'esses habitantes que constituem, bem que pese á demagogia rubra, uma enorme e esmagadora maioria, não devemos dar satisfações a quem no-las deve.

A «Alvorada», que toda lampeira vem sempre defender e justificar os actos, ainda os mais indignos, praticados pela gente da *egrejinha* a que pertence, a respeito d'este facto insolito guardou o tumular silencio revelador dos compromettidos.

Esperavamos que ella viesse á estacada flammeante de colera e espumando bilis como é o seu costume, mas não tivemos o prazer de ouvir as suas diatribes e melhor foi assim porque nos dispensou de refutarmos as suas parvoíces—se ella se apresentasse em termos de poder ser refutada sem quebra de brio da nossa parte, porque do contrario deixá-lhamos gritar á vontade.

E' que a concelhia não tem justificação possivel, não só porque nunca devia oppôr-se a uma coisa que está no espirito e na vontade de toda a gente, mas ainda, e este facto tem sua importancia, porque os objectos de adorno proprio da imagem são, senão todos, na sua maior parte, propriedade desta e da sua irmandade e estão erroneamente incluídos no arrolamento dos bens da Egreja e entregues á guarda da concelhia.

Por nenhum principio esses objectos deviam sahir da posse da Irmandade e pena é que esta, como outras corporações, não fizessem valer os seus direitos de propriedade perante os tribunaes competentes, para se não verem na contingencia de irem pedir emprestado o que lhes pertence e soffrerem o desgosto de uma ultrajante recusa, como agora aconteceu.

A proposito vamos trasladar para aqui uma carta que, se procurarem bem, encontrarão nos archivos da Collegiada, de D. João de Salcedo, em que este offerece a Nossa Senhora a cadeia (vulgo meada) de ouro e a cruz de esmeraldas:

«SSs. dignidades y Canonigos da Insigne colegiada denra Señora de Oliveira dela villa de Guimarães y S. S. mayordomos dela cofradia de dha Señora. Persuadido áquellos ss.ªª mayordomos de cofradia denra Señora de Oliveira seran personas del numero de V S.ª no he dudado haerles Participes en esta carta que á V S.ª Suplico les haga notoria.

Haviendo naído en esa illustre villa y R.ªº el S.ªº Sacramen.ªº del baptismo en esa S.ªª Igleçia mi destino me sacó detiernos años dela Patria á ser peregrino en las agevas Inclinado mas al bulliçio de la guerra que al ocio

dela bras de fé (?) á Coimbra por las navegacion.ªª y campãnas adonde haviendo padecido menos que otta Sin mas sombra que la que me hicieram mis obras Coroné puestos militares y recevy honras de los Principes Soberanos á quien servy todo el tiempo que tube para poderlo executar relacion que hago a V S.ª para desempeñio de mis obligaciones que solicito y Creo deverlo todo á la proteccion denra Señora de Oliveira Patrona de esa villa é Imagem milagrosa á quien remito por mano del P.ªº Jeron.ªº fernandes Vaas que es mi Primo hermano dies y seis bueltas de cadena de filigrana y una Cruz de esmeraldas orlada delas mismas para que presentandolas á V S.ª tengan la ocacion de dar mis Gracias rendidas a V S.ª por el recivo y presentacion que desta niñeria hace en mi nombre á la Serenisima Reyna de los angeles y porque concediendome dios vida pienso pasar con mi devocion á cosas mayores á V S.ª suplico me encomiende a su divina Mag.ª y si en lo particular de Cabido V. en la separacion de el algo se ofreciere que mandar-me será para mi de particular estimacion ver muchas ordenes que obedecer para executarlas puntual los muchos años que deseo guarde mô S.ªº á V S.ª conservando en s.ªª Gracia union tan de su agrado y s.ªº Serv.º Puerto de S.ªª Maria y 8bre 10 de 1677 a s. L. m. de V. S.ª B.ª S: mas affecto y m.ªº serv.ªº Joan de Salçedo y Silva.» E por hoje chega.

No regimen da "liberdade,"

A dictadura continua. A tyrannia republicana, vae-se tornando cada vez mais repugnante.

Os jornaes monarchicos, que tão patrioticamente teem procedido sempre, teem sido supprimidos e os que o não foram são constantemente apprehendidos.

Protestar para quê? para a jacobinagem indigena se rit de nós?

Registamos apenas como *signal dos tempos*, e apresentamos aos nossos illustres e queridos collegas, victimas da demagogia mais asquerosa, os protestos da nossa melhor e mais firme solidariedade de com votos sinceros que para bem da Patria e de todos os portuguezes, tal estado de coisas termine breve, restituindo-nos em compensação a paz e a liberdade a que temos direito.

Não tem resposta

A *Alvorada*, continuando na mesma serie de dilates a critica dos meus artigos, não responde afinal a nada, não rebate nenhuma das minhas affirmações, e continua na transcripção d'essa prosa virulenta do tal jornal italiano, onde a lama e a cupidez resaltam por cada linha.

Já disse á *Alvorada* o que tinha a dizer-lhe.

Todos sabem que ha exemplos de incitamento á devassidão tanto nas artes como nas industrias e em todos os campos.

Isso porém não obsta a que o bom gosto de todas as pessoas conscienciosas e de são criterio reprove taes meios de corrupção.

De resto, eu conheço muito bem o fim da *Alvorada* com a sua insistencia no assumpto.

Parece-me no entanto que erra o alvo, porque não logra o que deseja.

Pode pois continuar as vezes que lhe appetecer que eu dar-lhehei o desprezo por resposta.

Joaquim da Silva Godinho.

Echos da sociedade

Encontra-se na Povoia de Varzim, acompanhado de seu neto e afilhado o nosso amigo e antigo vereador municipal snr. Domingos Freiria, o nosso querido amigo e illustre titular snr. Visconde de Paço de Nespereira (Gaspar).

Hospedado em casa da nobre familia Margaride, esteve em Villa do Conde a ex.ªª snr.ª D. Maria Augusta Queiroz.

Na Povoia de Varzim, encontra-se acompanhada de sua gentil sobrinha m.elle Maria Candida, a ex.ªª snr.ª D. Julia Abreu.

Na mesma praia, encontram-se de novo os nossos muito estimados amigos e illustres professores snrs. Padres José Maria e Anselmo da Conceição e Silva.

Nas suas propriedades da Motta, encontra-se, acompanhado de sua ex.ªª familia, o nosso estimado amigo e distinctissimo jurisconsulto snr. Dr. Antonio Coelho da Motta Prego.

Egualmente se encontra nas suas propriedades de Souto, o illustre advogado e nosso presadissimo amigo snr. dr. Antonio do Amaral e sua ex.ªª esposa e gentis filhinhos.

De Melgaço regressou a Guimarães o nosso querido amigo e antigo vereador, snr. José Pinheiro.

Na Povoia de Varzim, está, acompanhado de sua dedicadissima esposa e gentis filhinhos, o importante capitalista snr. José Borges Teixeira de Barros.

Egualmente na mesma praia se encontram o snr. Simão da Costa Guimarães, nosso dedicado correligionario e sua ex.ªª familia.

Na mesma praia, encontram-se a veranear, na companhia de suas estimadas familias, os nossos presados amigos snrs. João Mendes Ribeiro e Joaquim Pereira Mendes.

A passar o mez de Setembro está em Villa do Conde, acompanhado de sua ex.ªª esposa, o nosso querido amigo snr. Bernardino Rebello Cardozo de Menezes.

Em Villa do Conde, encontra-se, acompanhado de sua ex.ªª mãe a gentilissima irmã, m.elle Maria Henriqueta, o nosso amigo e intelligente academico snr. João Paulo de Mello Sampaio Mexia (Pombeiro).

Está na Povoia de Varzim, na companhia de sua estimada familia, o importante capitalista e nosso presado amigo snr. Antonio de Freitas Ribeiro.

Da mesma praia, regressou a S. Lourenço de Sande, o nosso amigo snr. Manoel Antonio Corréa, irmão do benemerito titular snr. Conde de Agrolongo.

Depois de uma longa ausencia, no estrangeiro, regressou a Guimarães, o apreciado jornalista e erudito orador sagrado snr. Padre José Lopes Leite de Faria.

Partiu para a Povoia de Varzim, acompanhado de sua ex.ªª familia, o nosso amigo snr. General Antonio Emilio de Quadros Flores.

D'aquella praia regressou a Villa Real, acompanhado de sua illustre familia, o antigo governador civil e distinctissimo delegado de saude e professor do lyceu, d'aquella villa, snr. conselheiro dr. Luiz Augusto Teixeira Lobato.

Vimos nesta cidade o nosso presado amigo e antigo commandante d'infantaria n.º 20, snr. coronel Freitas Barros.

De Melgaço retirou para o Geréz, acompanhado de sua ex.ªª esposa e filho, o importante capitalista snr. Manoel das Neves Veloso.

Acompanhado de sua ex.ªª esposa e gentis filhinhos, está na Figueira da Foz o snr. Fernando Antonio d'Almeida.

Regressou de Vidago o intelligente guarda livros da importante firma Antonio da Costa Guimarães, F.º & C.ª, snr. Joaquim Ribeiro da Silva.

Regressou da Povoia de Varzim, com sua ex.ªª familia, o nosso amigo snr. Virgilio Vieira d'Andrade.

Teve a sua *delivrance*, dando á luz uma creanca do sexo masculino, a ex.ªª esposa do nosso amigo snr. Jesualdo Vieira d'Andrade, residente em Negrellos. Os nossos parabens.

Brito Aranha

Falleceu ultimamente em Lisboa este illustre e vigoroso jornalista e publicista, que fazia parte da redacção do importante periodico lisbonense «Diario de Noticias», a quem apresentamos os nossos mais sentidos cumprimentos, tomando parte no seu luto, porquanto Brito Aranha era um homem de lettras de muitissimo talento, aliando á sua vasta e lucida intelligencia um grande e integro caracter.

Revelando-se em todos os seus actos um grande homem de bem, Brito Aranha foi um brilhante homem de lettras e um dos mais formosos espiritos do jornalismo portuguez, em que tão alto e honroso logar sempre occupou.

Os «Echos de Guimarães», renovando o seu sentimento ao grandioso diario de Lisboa, abate a sua bandeira ante o feretro do brilhante jornalista, pedindo aos seus presados leitores uma prece por sua alma.

Te-Deum

Em diversos templos da cidade se teem celebrado com toda a pompa solemnissimos *Te-Deums* em acção de graças pela eleição do novo Papa Sua Santidade Benito XV, elevado ao solio pontificio ás 11,15 do dia 3 do corrente.

Peregrinação ao Sameiro

No penultimo domingo realizou-se uma magestosa e impoentissima peregrinação á Virgem do Sameiro, tendo a ella presidido o venerando e egregio Bispo do Porto, Senhor D. Antonio Barroso.

Assistiram 20:000 fieis que, no meio de louco enthusiasmo, entoavam canticos á Virgem e fizeram uma manifestação extraordinaria ao illustre Prelado, manifestação a que gostosamente nos associamos, pois temos uma grande e sincera admiração pelo caracter e virtudes do egregio Bispo, honrosa gloria do Episcopado portuguez.

POR HONRA DO CONVENTO!...

As Escolas Centraes trabalham? Não trabalham?

Novos e authenticos mappas — Uma pseudo-entrevista — Fallar para dizer alguma coisa!!!

Esgarajou a *rata sabia* nova burruudanga a proposito do mappa do serviço das Escolas Centraes.

Como sempre, esvurmou apreciações desconexas, atamancou com um risinho amarello dois sujeitos *linguados* que rotulou em grossos caracteres e lá fez correr mundo o réles pastelão, sempre enxabido mas muito videirinho! Incheda como a rã da fabula, trouxe novo mappa ao mercado no ante-goso de um dos maiores alegrões da sua vida; zig-zagueou em gatinhas tentando abocanhar a competencia profissional dos que trabalham e produzem, e por fim alapardou-se, como o mais repellente exemplar de hediondez, no commodo escondido de uma pseudo-entrevista para tirar aquellas forçadas conclusões do arriero do Palito Metrico com que finalisa a soez palinodia!

O authenticos cretino, sempre o genuino imbecil, o tal *mentor* da *rata*!

Bem quizeramos nós quietar o espírito numa intercendencia de brandura mas, por mais que tentemos, por mais esforços que façamos, é-nos de todo impossível. A penna foge-nos para o arrocho, converte-se em latego, uma vez que reconhecemos na escriba ignorão não o adversario leal e honesto que pode e sabe discutir com rectidão e pureza de intenções, mas o proto-tipo do biltre hediondo que desce á sabugice ignobil de pretender apunhalar pelas costas a competencia professional de uns poucos de professores que lhe cospem o maior dos despresos, só pelo prazer que experimenta tornando-se agradável ao maior e mais completo patife que Guimarães alberga!!

Repellente creatura!!

Nós amamos a polemica, julgamo-la de uma grande utilidade quando travada entre homens que timbram pela lealdade e rectidão de intenções. Detestamo-la, porém, quando encontramos adversarios que em vez de manejarem a arma do raciocinio que esclarece e dignifica só espumejam a bilis nauseante da paixão que os caga. Está neste ultimo caso o *mentor* farçante da *rata*!

Desde muito que as Escolas Centraes são o seu filho favorito. As Escolas não diremos bem, uns *certos* mestres que nunca o tomaram a serio. Todas as vezes que pode (não pode nada o pateta) lá vem fanfaronada estulta e hypocrita. Aqui pede *raíças de limpeza* (!) (tolo como só elle); além deseja saber qual o escalracho damnhino que tem posto a cabeça em agua ao *cavalheiro* de Rubiães; mais adiante vota (?) pelo seu encerramento; por fim vem dizer, com uma insensatez que compunje, que ellas não trabalham!!!

E quer que o tomem a serio!!! Dão-lhe mappas que não sabe ler. Ouve, como todos os musicos, umas lerias que o tratante-mór lhe impinge. Leigo no assumpto, confunde tudo, mistura alhos com bugalhos, para pedir *joirices* de pacóvio. Faz uma addição de quatro parcelas que deixa errada (!) e por ultimo divide o total por 9! Para quê?

É infinito o numero dos tolos, no dizer dos sagrados textos!!!... A que vem tal divisão sabido como é que cada escola funciona separadamente? Que têm os professores da 1.^a e 2.^a classes com os das 3.^a e 4.^a que são as de exame?

Dividir por 9 para quê e com

que fim? Ah! nós percebemos e conhecemos-lhe as intenções! Coscuilhinho!

Não trabalham as Escolas Centraes? Dizem as estatisticas officaes que sim.

Leia, se souber, esse mappa copiado dos originaes; estude-o bem; veja que nada escape á tanchez d'essa moleira de pisco. Vae com todos os esclarecimentos ainda os mais minuciosos. Observe que a unica divisão que tem a fazer será para achar a media annual dos alumnos que fizeram exame, alumnos que foram leccionados pelos professores que as notas indicam e não por todos os da escola. Olhe não vá enganar-se. Como é pouco forte em *taboada*, se se vir entalado recorra a um dos do *bando*!

Verá (quem sabe? os morcegos veem pouco) que as Escolas trabalham e que esse trabalho não é tão *mesquinho* como á sua *atilada perspicacia* se figura.

Uma coisa: Uma vez que se sente com tanta *embocadura* para mestre de meninos porque não entra cá para o *officio*?

Bons ordenados, melhores aparelhos, que falta? Diploma?

Isso é o menos. Basta fallar ao ouvido ao *para-raios* e tudo se conseguirá.

Ande d'ahi e verá depois como...

a e i o u voseiam quando em cima o pau lhes vem!!...

E vamos ao mappa.

Escola Central Masculina

Mappa estatístico dos últimos 6 annos

1908-1909	
1.º grau:	
Frequencia	12
Exames	9
(3 Bons e 6 Suf. Prof. Ramôa).	
2.º grau:	
Frequencia	13
Exames	9
(1 Dist. e 8 app. Prof. Mario).	
1909-1910	
1.º grau:	
Frequencia	14
Exames	12
(2 Opti., 3 Bons e 7 Suf. Prof. Correia).	
2.º grau:	
Frequencia	14
Exames	13
(1 Dist. e 12 App. Prof. Mattos).	
1910-1911	
1.º grau:	
Frequencia	27
Exames	18
(9 Opti., 7 Bons e 2 Suf. Prof. Mario).	
2.º grau:	
Frequencia	15
Exames	13
(2 Dist. e 11 App. Prof. Correia).	
1911-1912	
1.º grau:	
Frequencia	23
Exames	7
(4 Opti. e 3 Bons Prof. Ataliba).	
2.º grau:	
Frequencia	16
Exames	11
(1 Dist. e 10 App. Prof. Silva).	

1912-1913

1.º grau:	
Frequencia	40
Exames	36
(13 Opti., 21 Bons e 2 Suf. Prof. Mattos).	
2.º grau:	
Frequencia	4
Exames	2
(2 App. Prof. Ataliba).	
1913-1914	
1.º grau:	
Frequencia	20
Exames	12
(4 Opti., 6 Bons e 2 Suf. Prof. Almeida).	
2.º grau:	
Frequencia	24
Exames	12
(12 App. Prof. Mattos).	

Resumo dos exames:

1.º grau:	
Optimos	32
Bons	43
Suf.	18
<hr/>	
	93
2.º grau:	
Distinctos	5
App.	55
<hr/>	
	60

Ou sejam 25,5 exames em cada anno lectivo.

Agora a pseudo-entrevista: Sem norte e sem leme, perdida, absolutamente ás aranhas, desiste a *rata* da quantidade dos alumnos da Escola Central que fizeram exame do 2.º grau este anno porque... *de passagem* (?), concorda que as escolas não devem ser fabricas de exames. Agarra-se, porém, á qualidade depois de haver entrevistado a sciencia pedagogica representada em Guimarães pelo snr. dr. Nicolau Gonçalves, presidente que foi de um dos jurys de exames do 2.º grau este anno.

Entrevistante e entrevistado disseram *coisas* tetricas!! Fallou-se da conflagração europea e, claro, por *analogia*, vieram á tela da conversa guerreiro-pedagogica os exames do 2.º grau d'este anno. Assumptos deveras palpitantes convinha, pois, explorá-los em beneficio do pastelão e para gaudio das gentes.

Descidos ao *trottoir* (*trutoir* escreve a *rata*). Como adopta a nova orthographia... Em tudo dá raia! do Toural, começou a *conversa*.

Cogitêmo-la. O snr. dr. Nicolau (a ser verdade o que a *rata* afirma) começou por manifestar todo o seu grande desejo de não querer tornar (e faz bem) a presidir a exames do 2.º grau porque... *logo ás primeiras reparações se começou a dizer* (quem? pode saber-se?) *que elle se preparava para esmoer* (o termo é chato, não pertence com certeza ao dr.) *antipathias e promover represalias contra os alumnos da Escola Central*, contraste perfeito com os restantes presidentes dos outros jurys onde, apesar de ter havido reparações, tudo correu na mais perfeita harmonia, sem o mais ligeiro incidente e, sobretudo, sem nelles haver *entrado* a tal *chicanice* a que se costumava recorrer para se obterem determinados fins!!

Com que então disseram-se *coisas*, não é verdade, dr.?

Está justificada a razão porque se escreveram umas cartas aos membros do seu jury, cartas aliaz muito curiosas, uma das quaes possuímos, a fazer lhes umas perguntas que tiveram como unica resposta aquella phrase muito conceituosa do snr. Carvalho Mourão: «O snr. é muito novo»!! —

Depois o dr. sabe que se algo se dizia a respeito do modo como decorria o serviço no 2.º jury havia, para isso, uma certa razão. Algumas vezes assistimos aos seus interrogatorios e observamos quanto de profundamente verdadeiro havia naquillo a que a manhosa entrevista da *rata* chama o *esmoer antipathias*!

O dr., que nos dizem ser um homem intelligente, desconcertou-se muitas vezes no decorrer dos exames. Fallando alto de mais, (talvez seja feito) gesticulando nervosamente, perdia muitas vezes a linha já quando dizia a uma creança: «O teu professor é que devia ficar reprovado» — como aconteceu com um alumno do professor Gama, do Pensionato Academico, já quando, de chofre, porque certamente nunca lidou com creanças, perguntava a outro da Central: «Qual é maior $\frac{2}{3}$ ou $\frac{1}{2}$?» —

Ora, francamente, estas *coisas* dão sempre origem a *esmoimenços* de antipathias. Ou não?

Mas ha mais, dr.: O dr. deve recordar-se (oh! se recorda!) de haver *estendido* (o que é facilimo) uma creança, e de tal modo, que os dois vogaes do jury, quando em conferencia, quizeram reprová-la, Recorda se do que disse na maré? Vamos nós lembrar-lho.

Disse: — «não reprovem o rapaz porque, afinal, fui eu quem o *estendeu*!», e o mocinho, que era do ensino particular, *passou*!!..

Ora, como o dr. muito bem comprehende, estas *coisas* originam *coisas*.

Mas, afinal, tudo isto é de pouca monta para o nosso caso.

Esta parte da entrevista *artemina* é de somenos importancia.

Rapoças houve-as sempre. Só não ficam reprovados aquelles que, como o pacóvio *mentor* da *rata*, nunca souberam o que fossem exames. As *rapoças* são para os estudantes, já assim dizia o amigo Banana; para elles se inventaram. Grandes luminares da sciencia conhecemos nós que algumas trouxeram ás costas durante a sua vida academica. O dr. nunca ficou reprovado?

O nosso caso é muito outro. O dr. disse (e é este o grande caso) —:

«E' forçoso, porém, confessar que todos (?) os alumnos d'esta escola (referindo-se á Central) se apresentaram manifestamente em condições de inferioridade, comparados com os habilitados nos diferentes estabelecimentos de ensino particular»!!! —

Todos ainda mesmo aquelles que foram examinados por outro jury não é verdade? Já é avançar!!

Em primeiro lugar ha-de o dr. permittir que, uma vez mais, lhe recordemos aquella phrase do snr. Carvalho Mourão — «O snr. é muito novo»!! Depois, igualmente nos dará licença para o não julgarmos um Pico de La Mirandola — *De omni re scibili* com aquelle accrescimo brégeiro de Volttaire — *et quibusdam aliis*!!

Não. O dr. é um homem intelligente, bem o sabemos. Bachare-

lou-se em duas faculdades na Universidade de Coimbra o que não quer dizer que de Coimbra trouxesse toda aquella grande somma de conhecimentos que o auctorissem a discutir com precisão todos os assumptos. Não, não trouxe.

E' um homem instruido, mesmo muito instruido, concordamos; mas por isso mesmo é que lhe corre o dever de pensar as palavras de modo a não parecer que tagarela de mais porque... é feio.

Como poderá o dr. provar uma affirmação tão formal se ella demanda de variados e muito complexos conhecimentos que o dr. confessa não possuir?

Como se percebe que tendo o dr. dito em plena sala de exames, porque lho ouvimos nós, nada conhecer dos programmas do ensino primario (no que estamos de accordo), arriscando-se a ficar reprovado (força de expressão) se tivesse de fazer exame de 2.º grau venha estabelecer melindrosos confrontos entre alumnos de escolas diferentes sem explicar a razão d'esses confrontos? Então o dr. confessa nada saber das primarias instrucções e julga-se auctorizado a fazer confrontos? Não basta dizê-lo, meu caro dr., é preciso prová-lo. E o dr. porque não possui (como declarou) a competencia technica (o que não constitue desdouro) indispensavel no lance, não pode, com auctoridade, afirmar uma coisa que não saberá demonstrar! Ninguem, que se saiba, procura a medicina para lhe tratar de uma questão de Direito; como jamais alguém se lembrou de consultar um jurista num caso de febre tifoide.

Os alumnos da escola central de Guimarães apresentaram-se a exame como todos os das outras escolas. Nem melhor nem peor. Os seus professores ministram o ensino de igual modo sendo certo que (o dr. dá licença?), como o dr. sabe, a idiosyncrásia de cada individuo é muito, muitissimo variavel, no dizer de um velho calhamaço que aqui temos á mão.

De modo que, não atinamos, por mais que tentemos, com a razão de ser da sua affirmação tão vaga.

Não nos forneceu o dr. elementos sufficientes para, á face da theoria e pratica pedagogicas, poder comprovar o que affirma de uma maneira tão peremptoria. E o caso deixa-nos algo intrigado.

Não desejamos, de leve que seja, aventar a hypothese absurda de se haver o dr. prestado ao triste papel de servir de instrumento a um zóilo muito imbecil que vem abusar do seu nome, que consideramos honesto, para apunhalar á traição a competencia professional dos professores da Central.

Menos nos convencemos de que o dr. deseje fazer reclame ao ensino particular com menosprezo do official.

E... francamente, cada vez atinamos menos.

Quem sabe se o dr. fallou para não ficar calado? Nós conhecemos muita gente assim! A proposito, e para finalisarmos, vamos contar-lhe uma historia.

Ha mezes veiu a Guimarães uma companhia dramatica dirigida pela grande Lucinda Simões. Fallar de Lucinda o mesmo é que a gente curvar reverente ante uma grande gloria da scena portugueza. A Lucinda foi, e ainda é, a genial Lucinda da «Aventureira». A campanha levou em uma

das noites «A Conspiradora», peça de uma tal ou qual nomeada que fez carreira em Lisboa. Um cavalheiro cá da terra estava, como de costume, na plateia. No final do espectáculo começou por criticar a peça e, o que mais é, o trabalho da Lucinda, da impeccável Lucinda!! Não gostará da peça nem do trabalho da artista. Já é ser exigente!

Um amigo nosso que assistiu ao espectáculo obtemperou-lhe: —Que diabo, você é muito mau de contentar. Ora diga-me: porque não gostou? —Não gostei porque a peça é má e o desempenho peor.

—Isso é a these. Vamos á demonstração.

Surgem os argumentos de parte a parte. Aos primeiros embates do nosso amigo, o cavalheiro que não tinha gostado concordou em que o primeiro acto da peça não era mau, depois o segundo e por fim a Lucinda era a Lucinda. Fallou, pelos vistos, para dizer alguma coisa.

Quem seria o cavalheiro a quem a historia se refere? Só é permitido adivinhar.

Quem sabe? Decididamente o dr., na pseudo-entrevista, tomou o papel do cavalheiro da historia; fallou para dizer alguma coisa.

Ou a logica é um bugalho! Olhe dr.: disse-nos o sr. Carvalho Mourão, cavalheiro da maior respeitabilidade e competencia, duas coisas haver que elle muito temia—os muros velhos e as autoridades novas!

Achamos no seu dito uma profunda philosophia. Vamos com elle.

Em tão boa companhia não correremos o risco de nos perdermos.

E de meninos e mestres, se lhe parece, ficamos entendidos.

Pinho Negrão.

P. S. Ao sr. Dantas rogamos a fineza de recomendar aos typographos o maior cuidado com os signaes das operações. No respigo dos bagos esquecidos na vinha vindimada, como diria o grande Camillo, appatece muito trante, em esgates avinhados, a fazer fosquinhas.

Não se esqueça não?

Pinho Negrão.

Casamento

Realiza-se brevemente o auspicioso consorcio da Ex.^{ma} Senhora D. Luiza de Freitas, nossa gentilissima conterranea residente em S. Martinho de Dume, Braga, e filha da Ex.^{ma} Senhora D. Rita de Freitas, abastada proprietaria, com um rapaz muito estimado d'aquella cidade.

Os nossos affectuosos cumprimentos, com votos sinceros para que o futuro lhes seja muito prospero, como merecem.

Typographos

Na Typographia Minerva Vimaranesense admittem-se typographos e apprendizes.

Capitão Alberto Margaride

Partiu para a Africa portugueza, na expedição, o nosso muito estimado conterraneo e distincto capitão de cavallaria g, sr. Alberto Cardoso Martins de Menezes (Margaride), filho do venerando titular e antigo Par do Reino, sr. Conde de Margaride.

Ao illustre militar desejamos muitas prosperidades e a melhor viagem, com muitos desejos para que breve regresse a Portugal, onde conta um amigo em cada conhecido.

Inspector escolar suspenso

O «Diario» publica o despacho mandando afastar do serviço sem perda do vencimento de cathedra (!!), até resolução final do processo disciplinar que lhe foi instaurado, o inspector escolar que foi d'este círculo, Antonio Justino Ferreira!

Para a sua vaga foi nomeado, em commissão, o inspector sr. José Pereira Barata, que nos dizem ser um funcionario correcto, verdadeiro amigo dos progressos da instrucção e do professorado primario a quem muito considera e estima.

Cordealmente felicitamos os professores d'este concelho a quem, no fim de tantos annos de lucta, começam a fazer uma tal ou qual justiça.

Hoove, finalmente, neste paiz, quem visse as coisas como ellas se devem ver.

Ainda bem.

Pio X

Teem-se celebrado diversos suffragios pela alma do grandioso Pontifice da Eucharistia Pio X, suffragios que teem tido uma numerosa e selecta assistencia.

As solemnes exequias, que se hão de realizar na primeira quinzena de outubro, na Igreja da Real Collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, devem assumir imponente grandiosidade.

Cortidores e surradores

Não obstante o tempo chuvoso, os operarios cortidores e surradores, d'esta cidade, foram na terça-feira passada em passeio á Penha, organizando um luzido cortejo, que atravessou as ruas da cidade em direcção áquella encantadora estancia, onde, á chegada, se celebrou uma missa.

Durante o dia queimou-se muito fogo e uma banda de musica executou os melhores numeros do seu repertorio.

Fallecimentos

Falleceu ultimamente em Celorico de Basto, na sua casa da Veiga, a Ex.^{ma} Senhora D. Maria Amelia de Moura Moniz, importante proprietaria e irmã do nosso querido amigo e intelligente capitão-medico d'infantaria 20, sr. dr. José Maria de Moura Machado.

O seu funeral, que foi immentemente concorrido, realisou-se na parochial de Gagos, tendo to-

mado a chave do feretro o sr. Avelino de Freitas Sampaio, e conduzido uma corôa o sr. dr. Motta Guedes.

A familia enlutada, especializando o nosso amigo sr. dr. Moura Machado e sua dedicada esposa, a Ex.^{ma} Senhora D. Rita de Moura Machado, apresentamos os nossos sentidos cumprimentos, pedindo aos nossos leitores uma prece por alma da illustre extincta.

Com a idade de 14 mezes, tambem falleceu no sabbado o innocente Antonio dos Santos Lima Fonseca, filhinho estremecido do sr. José Joaquim da Fonseca, considerado commerciante de ourivesaria, d'esta cidade.

Aos desolados paes da innocente creança apresentamos os nossos cumprimentos.

Casa Penhorista Vimaranesense

Fundada em 1880
Rua da República 144
GUIMARÃES

Leilão de Penhores

De harmonia com o decreto de 1 de Outubro de 1900 se faz publico que no dia 18 de Outubro e seguintes, pelas 9 horas, na sede d'esta casa, proceder-se-ha á arrematação de todos os objectos depositados, que por falta de pagamento dos respectivos juros se julgam abandonados.

Guimarães, 4 de Setembro de 1914.

Os Proprietários,
Peixoto & Rocha.

Agradecimento

João Alves Pimenta, solicitador, d'esta cidade, muito reconhecido agradece a todas as Ex.^{mas} pessoas de sua amizade, que se interessaram pela sua saude durante a grave enfermidade que vem de soffrer, protestando a todos o seu eterno reconhecimento.

Não pode porém, sem desprimor para ninguem, deixar de especialisar os doutos clinicos Ex.^{mos} Drs. Meira e Peixoto, sendo este assistente, pelo muito zelo, proficiencia e carinho com que lhe dispensaram, com o seu muito saber, os soccorros da sciencia—e o Ex.^{mo} Conego Alberto da Silva Vasconcellos que tambem muito dedicadamente lhe prestou importantes serviços.

Guimarães, 28 de Agosto de 1914.

João Alves Pimenta.

AGUAS DE MELGAÇO
—E—
VIDAGO

Manoel José de Carvalho, antigo depositario d'estas afamadas aguas, previne o publico de que continua a receber directamente estas aguas sempre frescas.

Grandes descontos aos snrs. revendedores e particulares.

Especial chouriço e azeitonas d'Elvas.
Paio Galvão—Guimarães.

COLLEGIO DE SANTA MARIA
(EDUCAÇÃO DE MENINAS)
Palacete da Madroa—GUIMARÃES

INTERNATO, semi-internato e externato. Optima alimentação. Professorado escolhido. Educação moral, litteraria, artistica, physica e domestica.
Local hygienico, com grande cêrca para recreios e jogos.
Envia programmas a directora

(3) Maria de Souza Barros.
Liquidadora Vimaranesense

ESCRITORIO
89, Passeio da Independencia, 91
Esta empreza vae iniciar no proximo mez de Abril, por meio de leilões semanaes, a venda de todos os objectos que lhe sejam enviados, taes como mobiliarios, roupas, fazendas de estabelecimentos ou fabricas, mediante uma pequena commissão. Na casa GERVASIO, com estabelecimento de ferragens e outros artigos, effectuam-se seguros de vida, accidentes de trabalho, maritimos-postaes e contra fogo.

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESFERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

MACHINAS SINGER PARA COSER
QUE VÃO DIRECTAMENTE DAS FABRICAS AO COMPRADOR
VENDA ANNUAL: 2.000.000 DE MACHINAS

NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER
SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

ESTABELECIMENTOS SINGER EM TODO O MUNDO

Avenida Candido dos Reis—GUIMARÃES (1)

Echos de Guimarães

SEMANARIO MONARCHICO

PREÇO DA ASSIGNATURA	PREÇO DAS PUBLICAÇÕES
(Pagamento adiantado)	(Pagamento adiantado)
Portugal, Ultramar e Hespanha	Annuncios e communicados, linha 40 rs.
Anno 1\$300 rs.	Repetições, por linha. 20 "
Semestre 650 "	Permanentes, contracto convencional.
Trimestre 350 "	Reclamos, no corpo do jornal, até 5 linhas, cada um 100 "
Estados U. do Brazil (anno) 2\$000 "	Annunciam-se as publicações que o mereçam, mediante um exemplar gratis.
Paizes da União Postal 2\$500 "	Annuncios, não judiciais, para os srs. assignantes, 25 % de abatimento.
Numero avulso 30 "	

P. LUIZ DIAS DA SILVA

SERMÃO DA IMMACULADA CONCEIÇÃO

prégado na igreja matriz de Fafe, em 8 de Dezembro de 1912; acaba de ser editado num elegante opúsculo, precedido da narração do

interessante episódio que determinou a sua publicação.

PREÇO, 60 RS.
Pelo correio 65 rs.

Pedidos á Typ. Minerva Vimaranesense B. Payo Galvão—Guimarães

Echos de Guimarães

I Anno SEMANARIO MONARCHICO Num. 27

Ex.^{mo} Snr.